

# Hekanakht: pujança passageira do privado no Egito antigo

Margaret M.Bakos<sup>[1]</sup>

Este artigo versa sobre a Tese apresentada como parte dos requisitos do concurso para Professor Titular de História Antiga e Medieval. Niterói, Universidade Federal Fluminense, em 1993, por Ciro Flamarion Cardoso. Ela é um marco no meio universitário brasileiro pela originalidade do tema e pela erudição que demonstra, sendo um exemplo que vem sendo seguido por seus orientandos e colegas.

Neste texto, cujo propósito é examinar a historiografia desenvolvida por Ciro Flamarion Cardoso, gostaria de iniciar relatando a influência de suas idéias e obras na concepção de minha própria pesquisa, que também analisa essas fontes, além de buscar uma melhor compreensão das relações entre o público e o privado no mundo egípcio.

Desde o início deste 3º milênio, estudo a vida do escriba Dhutmose, que viveu no decorrer da XXI dinastia, em Vila de Deir el Medina, usando como fontes primordiais suas cartas, traduzidas e transliteradas dos hieróglifos.

Um outro ponto em comum é a menção que Ciro faz sobre a sua descoberta do Egito antigo através da literatura, em seu caso, do romance **O egípcio**, de Mika Waltari, lido por ele ainda em 1955: eu também me senti recentemente bastante fascinada pela história dos hieróglifos a partir de um filme, relatado por Heloisa Seixas sobre uma menina que sabia soletrar (SEIXAS, 2007). A garota, que ganhava todos os concursos dos quais participava, contou à mãe o seu segredo: fechava os olhos na hora de soletrar e via as palavras ganharem forma em sua mente; era, assim, a própria palavra que sussurrava para ela suas sílabas, uma por uma. *Por isso, a menina não errava nunca!* - conta a narradora da história:

Essa idéia de palavra materializada – tornada algo quase humano – ficou na minha cabeça. A palavra desenhando-se a si mesma, designando-se (designar, design), sílabas e sons se juntando como um objeto. Mais: a palavra é tão importante na minha vida que a encaro como algo palpável, ao alcance da mão. Ela é minha matéria-prima, meu sustento, meu lazer e minha salvação. É, sobretudo, meu principal elo com o mundo. A mim ela se apresentou de três formas- a palavra contada, a palavra lida, a palavra escrita – sempre de uma maneira encantatória, quase sobrenatural (SEIXAS, 2007, p. 50).

---

<sup>[1]</sup> Profa. adjunta do Curso e do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS); doutora em História (USP); pós-doutora em História (University College London); bolsista de produtividade do CNPq.

A reflexão de Seixas despertou minha curiosidade pelo modo como se configuraria o processo criativo de um *escriba leitor*, a quem, pela competência, os faraós atribuíam o dever e o direito de criar palavras no antigo Egito (ROCCATI, 1994). Enquanto, à imensa maioria dos escribas, às vezes, na base da chibatada, cabia apenas memorizar e repetir o que o sacerdote leitor havia inventado, o escriba leitor devia buscar imagens para traduzir as palavras que comporiam os textos narrativos, poéticos, dramáticos e/ou românticos que eles relatavam. Estudar as cartas de Dhutmose, que manejava com destreza a escrita vernacular para profissionais e familiares, tornou-se, a partir de então, um desafio maior a ser enfrentado. A questão é realmente importante, porque se desdobra, ao responder às singularidades dessa escrita, cuja forma de estruturação se caracteriza:

(1) pelo uso de imagens referentes a objetos e seres da natureza, em lugar de símbolos;

(2) pela utilização de elementos da natureza com os quais se tem contato visual para expressar sons e pelo desafio de assim manifestar sentimentos e abstrações, como o amor, o ódio, a destruição e, é claro, a construção. Afinal, muito antes de Heráclito (585-528 a.C), já se sabia que a vida era feita de movimentos, vivenciados no dia a dia e/ou de constatações, decorrentes da observação da natureza;

(3) pela exigência de um processo de construção/aprendizagem dinâmico e constante. É lógico que essa escrita nunca esteve pronta: desde o surgimento dos primeiros signos, ao redor de 3.000 a.C, até a sua proibição pelos romanos, no século IV d.C, foram criados cerca de 6.000 hieróglifos. A cada novo fato, descoberta e/ou necessidade de grafar, os escribas leitores inventavam novos hieróglifos. E aí deles se estivessem desatualizados e desconhecem as novas palavras: cabia-lhes então a perda do cargo e a desonra social, extensiva à sua família;

(4) pela incapacidade gerada, na modernidade, de, como fazia a menina do filme, soletrar os sons dos hieróglifos, porque eles foram esquecidos, apagados da memória pelos dominadores do Egito antigo em lentas e destrutivas etapas de sua história, em nome sabe-se lá de quê;

Muitas críticas foram feitas ao uso da escrita, em especial aos hieróglifos. E um dos críticos mais ferozes, pasmem, foi ninguém menos que Platão. Em *Fedro*, o sábio grego, aluno de Sócrates, mestre de Aristóteles, dizia que os helenos, ao adotarem a escrita, estariam imitando um deus louco e egípcio: Thot. Dizia Platão: *Tal coisa tornará os homens esauecidos, pois deixarão de cultivar a memória; confiando apenas nos livros escritos, só se lembrarão de um assunto exteriormente e por meio de sinais, e não em si mesmos.* (PLATÃO,2002:119)

Ledo engano! Os egípcios propunham uma forma de grafar que articula lógica e imaginação humanas, tão interessante e perfeita que hoje voltou à moda. Os hieróglifos, tal com os *e-moticons*, sinais de trânsito e logotipos da atualidade movimentam o mundo econômico: rendem milhões às agências de publicidade e, ao mesmo tempo, orientam procedimentos de milhares de pessoas em seus cotidianos.

Neste campo, principalmente, se destaca, no Brasil, o pionerismo de Ciro Flamarion Cardoso, ao apontar a importância do estudo dessa escrita, em uma abordagem precursora, de cunho semiótico, dotando de seriedade seu contato e conhecimento dos egípcios antigos. Esse posicionamento aparece expresso em inúmeros artigos e livros seus, que compõem, seguramente, as melhores fontes, no país, para quem se interesse pela antiguidade oriental. Ele chama a atenção para o interesse manifesto pela história da escrita.

Viajante incansável, Ciro viveu e estudou muitos anos no exterior, havendo contado com a orientação e privado da companhia, em momentos de lazer, de intelectuais de ponta do marxismo mundial no séc. XX, entre os quais se cita Pierre Vilar (1906 – 2003). Ele foi também discípulo dileto da dra. Maria Ieda Linhares, professora da UFRJ e da UFF, presença emblemática do ensino e pesquisa em História neste país. Ao longo de sua estada no exterior, Ciro desenvolveu pesquisas sobre o Egito antigo e, desde os anos noventa, ensina a escrita hieroglífica aos seus afortunados orientandos no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF), para o estudo da qual ele próprio organizou uma gramática.

Esse Mestre se dedicou ao ensino de História Antiga após uma sólida formação teórica, desenvolvida no período que ele classificou como *sua fase centro-americana*. À época, surgiu, por exemplo, em colaboração, com Héctor Pérez Brignoli, o importante texto **Los métodos de la historia**, livro publicado em Barcelona, em 1976. Depois de inúmeras outras obras internacionais e atividades de ensino em universidades de países europeus e da América Central, Ciro voltou ao Brasil em 1979. Vinha de Costa Rica com um contrato assinado com a Universidade Federal Fluminense, na qual permanece até hoje. Veja-se a capa de um de seus textos mais importantes, aquele que versa sobre os papiros de Hekanakht, tema central deste artigo.

Capa da Tese, com 263 p., disponível na Biblioteca da UFF

Na apresentação desta pesquisa fenomenal, cujo título é o mesmo deste capítulo, Ciro desenha uma dedicatória, em hieróglifos, reproduzida na sequência:

A dra. Loiva Otero Félix que, na qualidade de professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, teve papel formador semelhante ao de Ciro Flamarion Cardoso, junto a uma plêiade de alunos e colegas gaúchos, entre os quais me incluo, foi chamada a participar dessa defesa pioneira no país. Ela mereceu, na ocasião, uma tradução de próprio punho do autor, da epígrafe a seguir transcrita:

A tese sobre Hekanakht, conta Ciro, foi o resultado de pesquisa realizada em museus e bibliotecas da Europa e dos Estados Unidos sobre as estruturas econômicas do Egito havendo sido defendida em dezembro de 1987, na Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos ao Concurso para Professor Titular em História Antiga do Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (CARDOSO, 1987).

Essa segunda tese é bem diferente daquela apresentada em 1987. A primeira foi uma análise de quase três mil anos de História Econômica do antigo Egito. Seis anos depois, o autor centra seu estudo em uma única série documental: os sete papiros de Hekanakht, datados do início do Reino Médio (cerca de XXI a.C.). Esta pesquisa deslocou-se do estudo de uma História agrária para a compreensão do social, indo em busca da família, da casa e da relação público-privado, nos textos de HeKanakht.

O trabalho divide-se em duas partes, denominadas respectivamente de **Entendendo o texto e o contexto** e **Entendendo Hekanakht**. A primeira ocupa-se da tradução e transliteração dos textos em hieróglifos, enquanto a segunda consiste no uso dessas fontes para esclarecer aspectos da História social e econômica do Egito faraônico. Por essas escolhas, Ciro antecipa, em quase uma década, as ideias expressas pelo egiptólogo francês Pierre Grandet, em Colóquio Internacional em Paris, intitulado: **Acontecimento, narrativas e história oficial do antigo Egito**, ocorrido em 2002, no qual o estudioso

gaulês propõe aos participantes uma reflexão sobre as *escritas de si* de particulares, a partir do pressuposto de que tais relatos autobiográficos se configurariam como as matrizes de uma historiografia egípcia, produzida desde a IV dinastia (GRANDET, 2002, p. 187).

O capítulo I começa por explicar como a época atual tomou conhecimento do arquivo privado de Hekanakht, um sacerdote funerário e pequeno ou médio proprietário de terras da região de Tebas, no início do Reino Médio, sob a XI dinastia. Ciro relata o histórico desse acervo de cartas, descoberto em 1922, bem como de sua primeira publicação e tradução completa, em 1962, revelando seu trabalho de redesenhar os textos dos sete papiros em hieróglifos, pois o original estava em hierático<sup>[2]</sup>, um estágio da língua conhecido como *médio egípcio*, bem como de executar minuciosos comentários gramaticais e semânticos, frase a frase.

Ainda na parte I, o capítulo II serve primeiramente para contextualizar o arquivo de Hekanakht, tanto de um ponto de vista histórico-social geral, quanto do tocante à sua posição na história da língua e dos textos egípcios do III milênio a.C. Ciro procede, então, a uma crítica externa (procedência, datação) e interna desses documentos, com ênfase na tipologia interna e na organização textual.

A parte II inicia no capítulo III: trata-se de uma análise da casa e da família de Hekanakht, que parte de uma história local do tipo social. O referido capítulo apresenta uma discussão teórico-metodológica, destinada ao esclarecimento de suas posições a esse respeito. Com base em uma revisão historiográfica competente, ele efetua o estudo do que poderia ter sido a casa da Hekanakht, na localidade de Nebsyt, considerando sua possível estrutura funcional, uma vez que, como adverte o autor, inexistem dados arqueológicos sobre o tema. Neste capítulo, o autor aborda ainda a composição, as características e as relações interpessoais, no que concerne à família de Hekanakht.

O capítulo IV ocupa-se do exame da economia rural familiar de Hekanakht: gestão, sentidos e questões relativas ao trabalho e remuneração. Nessa etapa da tese, o autor debate as concepções de Barry Kemp (KEMP, 1989), cujo teor inspirou o desenvolvimento de seu trabalho:

a busca de uma economia em pequena escala, privada e local, e para tratar de ver como é preciso integrá-la às correntes mais gerais que atravessavam a sociedade egípcia da época quanto aos aspectos que nós hoje chamamos de econômicos (CARDOSO, 1987, p.4).

---

[2] Hierático foi a segunda escrita inventada pelos egípcios antigos, em cerca de uma centena de anos a partir dos hieróglifos, que se tornou a mais popular, talvez, pela facilidade de ser registrada de forma mais rápida com pinceladas de tinta, cursiva

No tocante ao molde acadêmico que pauta este texto, é importante ainda explicitar as hipóteses mais importantes de trabalho que norteiam a pesquisa. Assim, o capítulo I, por sua natureza, tem mais a ver com *hipóteses factográficas* do que com *hipóteses explicativas ou de construção*, para usar, segundo o autor, a linguagem de Jerzy Topolski (TOPOLSKY, 1976).

Ciro historia seus avanços no entendimento da língua egípcia em suas diversas fases e modalidades, através de dois grandes processos, sucessivos, *que se superpõem em parte*. O primeiro ocorreu com a publicação tanto de gramáticas modernas da língua egípcia, como a de Alan Gardiner (GARDINER, 1950) e a de Gustave Lefebvre (LEFEBVRE, 1955), entre outros, como de dicionários, como o de Raymond Faulkner (FAULKNER, 1976), para o Médio Egípcio, e o de Leonard e Barbara Lesko para o Egípcio Tardio. Além disso, o acesso a outras obras, arroladas em extensa bibliografia, segundo o autor, facilitaram seu entendimento da lógica egípcia no que concerne à construção de períodos e frases.

A hipótese principal que fundamentou a tradução dos textos baseia-se, pois, nesses estudos recentes, como ele assim sintetiza:

é a distinção fundamental, em cada bloco de proposições, entre a clausula inicial (sentença independente ou principal) – que nem sempre, porém, vem no início, podendo ocorrer extraposições frontais de outros elementos, antecipando-os -, que é só; e as cláusulas não iniciais (sentenças dependentes), que quase sempre podem ser reunidas em dois tipos básicos: as “continuativas”, mais centrais semanticamente; e as “subordinadas” propriamente ditas.

De acordo com Ciro Flamarion Cardoso, a adoção dessa hipótese explica a diferença, por exemplo, entre a sua tradução e a do publicador, em 1962, do arquivo de Hekanakht, T.G.H. James. Segundo o especialista brasileiro, a tradução de T.G.H. James foi feita antes da difusão dos estudos sintáticos aprofundados a que ele referiu. Assim, a tradução do pesquisador inglês aparece segmentada em unidades bem mais curtas, raramente formando frases de maiores dimensões em um único bloco. O autor, na sequência, exemplifica seu parecer, de forma convincente e didática.

Para o capítulo II, Ciro enuncia três hipóteses principais:

1)O primeiro período intermediário assistiu a uma desconcentração da riqueza, à sua pulverização regional, o que favoreceu e mesmo exigiu uma economia privada mais vigorosa do que no passado, já que o Estado provedor desaparecera ou se restringira a um figurino estreito de tipo regional, numa época de grandes dificuldades econômicas (diminuição da população, fomes ligadas ao Nilo sistematicamente baixo levando a más colheitas);

2) Paralelamente, deu-se uma extensão social do uso da escrita e dos textos: pela primeira vez no Egito, os modelos de correspondência e contabilidade gerados para a gestão administrativa e econômica do Estado e suas propriedades foram usados também a serviço de interesses privados;

3) Os processos do Primeiro Período Intermediário de que tratam as hipóteses acima se prolongaram até a fase inicial da XII<sup>a</sup> dinastia: vigiam e atuavam, portanto, na época em que foram redigidos os documentos de Hekanakht (fim da XI dinastia), explicáveis unicamente no contexto desses processos.

No capítulo III, duas hipóteses orientam a pesquisa:

4) Embora não disponhamos de dados arqueológicos e descrições textuais da casa de Hekanakht em Nebsyt, posto que as residências egípcias importantes organizavam-se invariavelmente segundo uma mesma estrutura funcional, é possível deduzir, a partir de indicações indiretas dos textos e do conhecimento da mencionada estrutura funcional, a organização daquela casa segundo a tripartição: 1) setor 'público'; 2) setor 'privado'; 3) setor 'de serviço' e anexos;

5) A família egípcia era invariavelmente do tipo conjugal ou nuclear. Embora a leitura dos documentos de Hekanakht sugira algo que se parece com uma família extensa, tal aparência é somente uma ilusão resultante da forma usada por Hekanakht para obter mão de obra familiar, numa fase de dificuldades econômicas e baixa população, mediante os meios de pressão que lhe dava o controle exclusivo do patrimônio da família.

Para o desenvolvimento do capítulo IV, Ciro Flamarion Cardoso organizou mais duas hipóteses:

6) Longe de manifestar uma propensão natural de tipo psicológico à acumulação privada de riquezas, que segundo Barry Kemp seria típica de todas as sociedades a partir do Neolítico avançado, a gestão do patrimônio de Hekanakht manifesta uma propensão à acumulação de riquezas explicável a partir de estruturas econômicas e mentais que caracterizam somente uma fase com limites bem precisos no interior da História antiga do Egito: o Primeiro Período Intermediário e a primeira parte do Reino Médio (aproximadamente 2.134 – 1.878 a.C.);

7) Quanto à mão de obra e sua remuneração, os documentos mostram tendências contraditórias. Institucionalmente, refletem uma situação melhor dos trabalhadores do que no Reino Antigo, em função da diminuição da população e dos efeitos da revolta social que marcara o fim do Reino Antigo. Mas redigidos num ano especialmente difícil de crise agrária (má colheita, fome generalizada) apresentam uma situação conjunturalmente ruim para os trabalhadores que os papiros de Hekanakht iluminam mais diretamente, o que se nota na redução drástica de suas rações-remunerações.

Ao finalizar a introdução, Ciro, com o cuidado que caracteriza a realização de suas pesquisas e a elaboração de seus textos, informa ao leitor sobre as várias espécies vegetais e animais que os documentos mencionam (por exemplo, de trigo, de linho e de animais domésticos, como os bovinos, cuja espécie fica pouco esclarecida), sem, entretanto, esclarecer tais variedades.

Da p. 20 a 106, são publicados os documentos em texto hieroglífico, elaborados pelo próprio autor, com as transcrições fonéticas e tradução, como segue:

Hekanakht I : primeira carta de Hekanakht  
Hekanakht II: segunda carta de Hekanakht



Hekanakht III: terceira carta de Hekanakht  
Hekanakht IV: carta de uma mulher à sua mãe  
Hekanakht V: registro e cálculos  
Nº 1, 2, 3, 4, 5, 6  
Hekanakht VI: cálculo de cereal devido a Hekanakht  
Nº 1, 2

Entre essas fontes, escolheu-se, apenas para fins de ilustração do trabalho do autor, uma missiva de tocante mensagem. Trata-se de uma correspondência dirigida à mãe da enunciativa, que inicia desejando que a carta a encontre com vida, prosperidade e saúde.

A maneira de iniciar a carta indica, de antemão, tratar-se de uma jovem de boa educação ou que está sendo orientada/servida por um escriba qualificado, pois se utiliza da saudação oficial das correspondências e indicativa de uma diferença social, marcada pela observação da tradição e das normas de conduta dos iniciados na vida em coletividade.

A carta revela ainda a crença da jovem nos poderes da deusa Hathor, a deusa universal. Na aparência de uma vaca, ela é concebida como mãe simbólica do faraó, deusa do céu que protege, em sua barriga, o deus falcão (HART, 1986, p. 76).

Ao final da mensagem comparece um recado ahistórico, pois faz parte do discurso dos bons filhos aos pais: - *Fica feliz. Não te preocupes por mim...*

No segundo capítulo, Ciro *procede a um exercício de crítica histórica geral* (CARDOSO, 1993, p.107). O contexto histórico de Hekanakht, como se sabe, é o do colapso do Reino

Antigo frente à reunificação do Egito sob a XI dinastia tebana. Ao longo do capítulo, o autor distingue três categorias de documentos no arquivo em estudo, consoantes suas formas de construção: (1) cartas informais; (2) cartas formais; (3) documentos contábeis, cujas características são minuciosamente discriminadas. O capítulo encerra com a afirmação de que se tratam de *testemunhos involuntários, pois uma vez lidos são amassados e atirados a uma fossa funerária* terminam por trazer uma riqueza de informações privadas e ‘plebéias’.

O quarto capítulo inicia com uma importante asserção: *Achava André Leroi-Gourhan que ser humano é talvez domesticar o tempo e o espaço mais ainda do que fabricar instrumentos* (p.145). É de fato, conclui o autor, com a arquitetura que surge a diferença entre o público e o privado.

Com essa abertura, o capítulo, que vai da p. 145 a 195, além de bem fundamentado com dados, desenvolve uma costura frenética entre teoria e fatos empíricos, entre textos e imagens, tornando quase impossível sua síntese, sob pena de involuntariamente omitir do leitor tantas e tão variadas contribuições para o entendimento do Egito Antigo. Assim, julgou-se oportuno convocar as próprias palavras de conclusão do autor:

Como diz Barbara Mertz, as cartas de Hekanakht constituem uma espécie de periscópio voltado para um passado longínquo e formam um quadro vívido e divertido da vida privada de uma família plebéia (...) de há quatro mil anos atrás (CARDOSO, 1993, p.200).

No capítulo IV, que trata da economia rural de uma família, Ciro Flamarion Cardoso aponta como o livro mais importante sobre o tema a já citada obra de Barry Kemp, com a qual admite ter sérias divergências.

Ciro busca, nos documentos de Hekanakht, informações sobre a gestão de um patrimônio agrário privado no início do Reino Médio. Ele parte da assertiva de que Hekanakht, *tinha uma noção do conjunto do seu patrimônio* (CARDOSO, 1993, p.208), compreendendo as suas terras aráveis e à volta da casa; o gado, grãos e linho acumulado (e suas formas trabalhadas: pães, tecidos); a madeira e grãos devidos ao sacerdote funerário pelos camponeses. O autor traz, então, à discussão o conceito de propriedade, que, a seu ver *deve ser também social e não somente jurídica. Os maiores esforços, entretanto, foram encetados no campo das conceituações jurídicas* (CARDOSO, 1993, p. 210).

Os cálculos, que levaram Ciro a pensar que Hekanakht poderia ser considerado possuidor de um patrimônio modesto, dão ainda a conhecer a forma como ele usava o trabalho dos filhos e chamava os maiores de *cultivadores funcionários* (CARDOSO, 1993, p.219). Ele comanda os filhos com ameaças no caso de sofrer qualquer perda, dizendo, por

exemplo, ao filho Mereu???, administrador responsável em sua ausência: *eu conto isto contra ti (...)* ele quer dizer que Merssu terá de dispensá-lo por qualquer perda (CARDOSO, 1993, p.221).

Hekanakht viveu em uma época de crise, quando a mão de obra escasseava, mas não há nos papiros dele traço algum de trabalho servil; nem por certo, da escravidão ou algo que se assemelhe (CARDOSO, 1993, p. 231). E as fontes por ele deixadas são muito ricas para uma configuração das formas de trabalho e da remuneração nessa fase de exceção.

Na conclusão, Ciro Flamarion Cardoso retorna à contradição, por ele já apontada, nos argumentos desenvolvidos por Barry Kemp no que concerne à fundamentação de sua hipótese sobre a presença marcante da economia privada e do mercado no Egito dos faraós.

São as palavras do autor:

A nosso ver, a contradição ocorreu por não considerar o autor suficientemente a forte especificidade, na história econômico social do Egito, do Primeiro Período Intermediário e do Reino Médio anterior às reformas centralizadoras de Senuosret III (1878-1841 a.C). Como vimos, nessas condições únicas é que pudera excepcionalmente florescer muito mais do que em períodos anteriores ou posteriores – pequenas e médias economias privadas inseridas em circuitos de acumulação de riquezas (e, correlatamente, os mencionados aspectos avançados – relativamente – de mentalidade econômica, também passageiros). Um arquivo como o de Hekanakht, em outras palavras, traz o selo indelével dessa época muito especial, o que não deve ser negligenciado nas generalizações e comparações (CARDOSO, 1993, p.237).

A contribuição à historiografia do Egito antigo é imensa nesta tese, indo ao encontro do que, em 2005, Christophe Barbotin (Museu do Louvre) afirmou, ao reclassificar os escritos antigos em cinco categorias: textos memoriais, culturais, viáticos, documentários e literários, salientando que os primeiros estabelecem um diálogo permanente com o futuro, porque pedem aos leitores que leiam as suas mensagens. Por essa razão, tais textos auxiliam, na atualidade, a melhor compreender a vida das pessoas no Egito antigo; informam sobre fatos administrativos e aspectos peculiares da organização social no Egito antigo. Assim, em alguns casos de revisão historiográfica, destaca Barbotin, as autobiografias aparecem como fontes históricas decisivas para a formulação de novos questionamentos sobre o passado egípcio (BARBOTIN, 2006).

Finalmente, gostaria de concluir o presente artigo partilhando mensagem registrada em carta a mim dirigida, escrita, em pleno século XX, em hieróglifos, por Ciro Flamarion Cardoso. Ela documenta a seriedade, afetividade e extrema dedicação desse remetente que,

em hieróglifos, em nome das boas relações acadêmicas, dirige-se aos seus amigos, fornecendo, em todos os sentidos, um exemplo para todos nós.

## **Bibliografia**

BAKOS, M. M. Cartas veladas pelas areias. In: BAKOS, M. M. et alii. **Diálogos com o mundo faraônico**. Rio Grande: FURG, 2010.

BAKOS, M. M. **Correspondências de Deir el Medina: a vida cotidiana no tempo de Dhutmose: (+ - 1085-1070 a.C.)**. Projeto de pesquisa - CNPq.

BARBOTIN, C. **La voix des hiéroglyphes**. Paris: Institute Khéops, 2006.

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. **Uma interpretação das estruturas econômicas do Egito faraônico (3.000 – 332 a.C.)**. Rio de Janeiro, 1987. Tese (concurso para Professor Titular) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CARDOSO, Ciro Hekanakht Pujança Passageira do privado no Egito Antigo. Tese apresentada como parte dos requisitos do concurso para Professor Titular de História Antiga e Medieval. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 1993.

CARDOSO, Ciro F. Uma casa e uma família no Antigo Egito. Phoênix LHIA/UFRJ, Rio de Janeiro, Mauad X Editora, 2003, pp 65-97.

COELHO, Liliane Cristina. Vida pública e vida privada no Egito do Reino Médio (2040 - 1640 a.C), Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História Social. Niterói, 2009.

FAULKNER, Raymond O. **A concise dictionary of Middle Egyptian**. Oxford: Griffith Institute, 1976.

FEITOSA, Nely Os feitos militares nas biografias do Reino Novo: Ideologia militarista e identidade social sob a XVIII dinastia do Egito Antigo. 1550 – 1295 a.C Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: História Social. Niterói, 2011.

GARDINER, Alan. **Egyptian grammar**. 2. ed. ver. London: Oxford University, 1950.

GRANDET, P. L'historiographie égyptienne (auto) biographie des rois? In.: GRIMAL, N.& BAUD, M. **Colloque du Colège de France**, amphithéâtre Marguerite-de Navarre, 24-25 juin 2002.

HENRIQUES, Claudio Cesar. A volta dos hieróglifos,  
[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7\(23\)01.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(23)01.htm) 13h, 12/11/2009

KEMP, Barry J. **Ancient Egypt: anatomy of a civilization**. London-New York: Routledge, 1989.

LEFEBVRE, Gustave. **Grammaire de l'égyptien classique**. Le Caire: Institut Français d'Arqueologie Orientale, 1955.

PLATÃO, Fedro. **Texto Integral**, São Paulo, Ed. Afiliada, 2002.

ROCCATI, A. O escriba. In: DONADONI, A. **O homem egípcio**. Lisboa: Presença, 1994.

SEIXAS, H. **A palavra um objeto**. Florença: 'verão', 2007.

TOPOLSKY, Jerzy. **Methodology of history**. Dordrecht-Warsaw: Reidel-Polish Scientific Publishers, 1976.

---